

Estampas de santos e rosários: o medo de morrer na Segunda Guerra Mundial

Adriane Piovezan¹

Resumo: Durante a Segunda Guerra Mundial 457 soldados brasileiros foram mortos em combate na Itália. A partir dos relatórios individuais destes mortos, gerados pelo Pelotão de Sepultamento, podemos perceber o medo de morrer destes combatentes que carregavam com si diversos objetos, além dos usados por um soldado em batalha, de uso pessoal e devocional também. É sobre este aspecto que a presente comunicação se dedica, aos objetos religiosos que tais indivíduos portavam no momento de sua morte. Entre os objetos encontramos diversas imagens que evidenciam as religiosidades pessoais de cada soldado, como as estampas de santos favoritos, medalhas de santos, rosários, manuais de oração, relíquias de santos, etc. Todas estas imagens possuem uma relação com o contexto histórico do período. A iminência de uma morte em campanha levava muitos dos homens envolvidos na guerra a manterem tais elementos imagísticos como amuletos ou patuás caso fossem alcançados pela morte em alguma ação.

Palavras-chave: Morte, religiosidades, Segunda Guerra Mundial.

Abstract: During World War II 457 Brazilian soldiers were killed in combat in Italy. From the reports of these individual deaths, generated by Burial Squad, we can see the fear of dying of these fighters who carried themselves with various objects, as well as those used by a soldier in battle, for personal use and also devotional. It is on this aspect that the present communication is devoted, religious objects to which such individuals were carrying at the time of his death. Among the objects found several images that show the personal religiousness of each soldier, as the prints of favorite saints, saints medals, rosaries, prayer books, relics of saints, etc. All these images have a relationship with the historical context of the period. The imminent death of a campaign led many of the men involved in the war to keep such elements as charms or amulets imagistic case were met by death in some action.

Keywords: Death, religiousness, WWII

¹ (Doutoranda/UFPR) drika@matrix.com.br

Carregar algum objeto que remeta ao sagrado ainda é comum nos dias de hoje para a maioria dos brasileiros. Nos automóveis percebemos adesivos de rosários ou rosários pendurados no espelho retrovisor. Nas carteiras encontramos santinhos ou orações. Enfim, esta sensibilidade religiosa ainda se manifesta mesmo no século XXI de diversas formas na sacralização de estampas ou objetos que teriam a função de proteção do indivíduo.

Num confronto armado, em uma guerra, o medo da morte se faz presente mais do que em qualquer outra situação. Num front as possibilidades de morrer estimulavam os soldados envolvidos a pensarem mais sobre sua passagem para o além e em alguns casos, se preparem para este momento.

É o medo da morte e a tentativa de encontrar uma boa morte que leva muitos cristãos a procurar acertar suas contas com o mundo espiritual e reforçar sua religiosidade numa real possibilidade de ser atingido. Estas estratégias aparecem nos objetos devocionais encontrados nos cadáveres dos brasileiros mortos na Segunda Guerra Mundial na Itália.

A FEB (Força Expedicionária Brasileira) participou da guerra entre os anos de 1944 e 1945. Perdemos 457 soldados, das mais variadas formas de morte. A grande maioria morreu em combates contra os alemães no chamado teatro de operações da Itália.

O que levavam estes soldados no momento em que morreram revela um comportamento diante da morte neste universo de homens brasileiros dos vários estados do país. Apenas o estado do Acre não enviou nenhum homem para a Guerra. Trata-se de uma mostra significativa para o estudo das atitudes e representações diante da morte no Brasil contemporâneo.

Com a Proclamação da República em 1889 a Capelania Militar foi extinta, aliando esta decisão as práticas de influência positivista que dominavam o período. A separação entre Igreja e Estado atingiu também este aspecto em relação às Forças Armadas. Com a declaração de guerra do Brasil à Alemanha e a criação da Força Expedicionária Brasileira no final de 1942 a existência de um serviço religioso para acompanhar as tropas no front foi estruturada por aqui também. Os capelães eram voluntários e receberam patentes honorárias de capitães e tenentes.

O serviço de capelania militar da FEB contou com 25 padres, 1 pastor batista e 1 presbiteriano. Segundo o censo de 1940, em torno de 95% da população brasileira se considerava católica. Na FEB não foi diferente. De acordo com os relatórios individuais do Pelotão de Sepultamento, a maioria dos mortos era composta por católicos. Encontramos na nossa amostragem apenas dois mortos evangélicos.

A partir do relatório feito pelo capelão-chefe, observa-se que o empenho dos que formavam o serviço religioso da FEB foi de serem úteis numa guerra moderna. O lugar e o por que de sua presença no front foram os desafios que tais sacerdotes enfrentaram ao chegar, como afirma o padre Manoel Inocêncio que participou do último escalão que aportou na Itália em fevereiro de 1945 (MERON, 2009).

O desafio dos capelães era de associar sua função de religiosos com o reforço do dever cívico que a FEB estava promovendo na guerra. Suas funções religiosas também seriam relevantes num momento crítico em que a fé deveria dar conforto aos soldados. Levavam altares móveis para rezar missas, receber confissões, etc. Muitos escreviam cartas para os soldados pouco letrados. Encontramos na documentação do Pelotão de Sepultamento um número alto de soldados que levavam cartas pessoais no momento em que foram atingidos mortalmente nas batalhas.

Cabia aos capelães também, a função de acompanhar o Pelotão de Sepultamento, para a realização dos rituais fúnebres, missas pelos mortos e extrema-unção quando havia tempo para tal procedimento.

No Cemitério Brasileiro de Pistóia existiam duas quadras destinadas aos sepultamentos de soldados inimigos. Estes também recebiam a assistência religiosa destes capelães.

Os capelães procuraram fortalecer a catequese entre os soldados. Muitos eram de regiões interioranas do Brasil em que os sacerdotes não eram fixos. Por isso, alguns fizeram primeira comunhão, crisma, no front.

Para consolidar e mesmo apresentar esta catequese, foi impresso o Manual de Orações do Soldado Brasileiro. Trata-se de um manual de orações católico, resumido, e com especificidades próprias, com ênfase nas orações de aceitação da morte, nas ideias de que a vitória do Brasil na guerra era uma conquista do bom cristão, as orações ao Duque de Caxias e aspectos referentes aos procedimentos de morte, como se comportar, que orações rezar, etc.

De acordo com a portaria que continha as instruções para a organização da Primeira Divisão de Infantaria Expedicionária, pelo menos 80% dos praças teriam que ser alfabetizados. Segundo o censo brasileiro de 1940, cerca de 56% da população brasileira era analfabeta. Podemos pensar que muitos destes soldados ditos alfabetizados sabiam assinar o nome. Por todos estes motivos, o material escrito não seria suficiente para fortalecer os sentimentos e devoções religiosas entre os combatentes.

Neste contexto, as imagens de santos, em forma de estampas, medalhas, fotografias, quadros religiosos, crucifixos, auxiliavam nesta catequese do front. Além dessas, também as

reliquias religiosas eram comuns na Itália daquele período e ainda exerciam forte apelo entre os devotos.

Encontramos no universo dos 457 soldados mortos, 84 medalhas religiosas, 47 estampas de santos, 31 quadros religiosos e 11 imagens santas. As reliquias religiosas aparecem em 9 cadáveres. Estes números são relevantes, já que descontamos o número de corpos em que nada foi encontrado.

Em se tratando de cadáveres nos quais nada foi encontrado propõe-se uma distinção baseada no tempo decorrido entre a morte e o enterramento. Quanto mais curto tiver sido o intervalo entre falecimento e enterro, tanto maior será a chance dos objetos pessoais terem sido preservados junto ao corpo. Inversamente, corpos que demoraram muitas semanas – ou meses – para serem enterrados tem alta probabilidade de terem sido extraviados seus objetos pessoais e levado os membros do OS (Pelotão de Sepultamento) a – erradamente – fazerem constar que o cadáver nada portava.

Além desta distinção entre corpos enterrados imediatamente após a morte e corpos enterrados tardiamente, deve-se agregar outra variável: a natureza da morte. Parte-se do princípio de que quanto mais agressiva e destrutiva for a causa da morte, tanto menor a chance de se encontrar no cadáver quaisquer objetos, supondo que o indivíduo tenha optado por tê-los consigo. Corpos mutilados, desfigurados, esfacelados, etc. pelos projéteis inimigos na linha de frente tem muito menos chance de manter a integridade dos objetos que levavam consigo, do que aqueles cuja causa da morte foi doença, acidente ou resultado de qualquer atividade na retaguarda.

Encontramos nos relatórios 47 soldados que carregavam estampas de santos em seus corpos no momento de sua morte. Pouco mais de cinco por cento dos cadáveres brasileiros, isto é, um em cada vinte mortos, continham Estampas de Santos. O número mais comum de Estampas de Santos que cada brasileiro carregava ao morrer era uma ou quatro. Quase a metade (46,80%) dos brasileiros mortos portavam essas diferentes quantidades de estampas.

Uma vez mais, em contraposição a esta parte, aparece um reduzido número, três indivíduos (6,38%) que carregam uma quantidade desproporcional destes objetos religiosos, de dez, doze ou quinze estampas. No campo intermediário está o resto (46,80%) dos indivíduos. Em seus corpos foram encontradas estampas em uma quantidade que variava de três a oito. Contam-se vinte e dois cadáveres que portavam essas quantidades de estampas ao morrer. Este número é idêntico ao de brasileiros que portavam uma ou quatro estampas. Vale a pena examinar cada um desses três extratos de cadáveres portadores de tais estampas.

No grupo de mortos que portavam uma ou quatro estampas, todos eram católicos. Também eram todos da infantaria, menos o soldado Bernardino Silva, do Esquadrão de Cavalaria. Deste grupo foi possível estabelecer a causa da morte em dezoito casos. Nestes dezoito, todos foram mortos em circunstâncias de extrema violência, caracteristicamente da linha de frente. A exceção é o soldado Clóvis Bastos, que morreu no hospital em decorrência de um acidente de veículo mais de duas semanas depois da guerra ter acabado.

Deste grupo quase todos – dezenove – eram soldados, havendo também um cabo, um aspirante e um 2º. Tenente. Quase a metade – dez – portavam também medalhas religiosas, em números que variavam de uma (seis casos), duas (três casos) ou seis (um único caso). No extremo oposto contam-se três mortos nos quais foram encontrados uma dezena ou mais de Estampas de Santos. Todos eram da infantaria e tiveram mortes violentas nos dias 14 ou 15 de abril de 1945 no decorrer da Batalha de Montese.

O soldado de vinte e seis anos, católico, de cor branca Benedito Esteves da Silva, natural de Bomfim (GO), da 7a. Companhia do 6º. RI morreu no dia 14 de abril ao ser atingido na perna e na cabeça, provavelmente por estilhaços de granada. Ele portava nada menos do que quinze dessas Estampas de Santos, além de 1.030 liras, um cartão de racionamento e uma carteira de couro. Não foram encontradas quaisquer das chapas de identificação.

Em segundo lugar aparece o soldado Brasília Almeida, também de vinte e seis anos, natural de Quaresma (SP), morto por um ferimento pontiagudo na região clavicular, em 15 de abril de 1945 em Montese. Ele estava lotado na 3ª. Cia. do 11 RI. Ele era católico e branco. Além de uma dúzia de Estampas de Santos ele portava ao morrer duas medalhas religiosas, ambas chapas de identificação, 1.900 liras, cinco fotografias, uma carta, um cartão de identificação, um recibo Banco do Brasil e uma carteira.

Finalmente, em terceiro lugar, aparece o soldado Lucindo Cebalio. Ele era branco, católico, tinha 22 anos e era natural de São Luiz de Cáceres (MT). Ele pertencia a 1ª. Cia. do 1º. RI. Ele morreu no dia 14 de abril em Montese, ao ser atingido na perna esquerda, provavelmente por um estilhaço de granada. Além de dez estampas de santos ele portava duas medalhas religiosas, ambas chapas de identificação e uma carteira de couro. Do exame desses indivíduos que portavam essas estampas não se nota nenhuma diferença em relação ao outro grupo, nos quais foram encontrados uma ou quatro dessas figuras.

Resta examinar o grupo intermediário, englobando os corpos nos quais foram encontrados de duas a três ou de cinco a oito estampas. Uma vez mais, todos são da infantaria, com exceção do soldado Fabio Pavani, lotado no comando da Artilharia. Ele morreu num

acidente de viatura, no exato dia em que chegava ao fim a guerra na Europa (08/05/1945). Todos outros, para os quais foi possível se estabelecer a causa da morte, morreram em combate. A exceção é o soldado José Vivanco Solano, morto por um tiro acidental em 16/03/1945 na localidade de Gaggio Montano, aos vinte e três anos de idade.

Trata-se um grupo no qual predominavam os soldados (17), seguidos de dois 3°. Sargentos e um único 2°. Sargento. Não se nota em qualquer dos grupos examinados diferenças significativas. As estampas de santos parecem ser mesmo um objeto recorrentemente usado pelos militares na linha de frente, os mais expostos ao combate.

Aqui o elevado número desses artefatos encontrados em alguns poucos indivíduos não deve nos surpreender. Tais estampas eram portáteis, duráveis, distribuídas gratuitamente e fáceis de carregar, permitindo a um único indivíduo portar coleções extensas delas.

A maior parte das estampas de santos encontradas é de origem italiana, com impressão colorida, diferentes das estampas levadas pelos padres católicos enviados para atuarem na Capelania Militar junto a FEB (Força Expedicionária Brasileira) que eram mais simples e com uma pequena tiragem. Além destas imagens, o comércio de relíquias religiosas ainda era popular na Itália neste período e muitos de nossos pracinhas também adquiriram estas como muletos de defesa diante dos perigos da morte. Tais informações constituem um manancial de ideias, práticas e valores extremamente representativos das atitudes e representações diante da morte, de importante e significativa parcela de brasileiros.

A iconografia que se refere as relações entre a morte e as devoções é bem fragmentada. Estas estampas de santos não fazem referência diretamente a morte, funcionando como elementos de mediação entre o indivíduo e o além elas são uma forma de proteção contra a finitude da vida.

As estampas teriam também esta função de proteção, o que em alguns momentos se refere ao milagre de salvar a vida do indivíduo.

Segundo Phillippe Ariès mesmo no século XIX, “O milagre conservou o seu carácter sobrenatural e seria irrisório explicar esta evolução pelo progresso de algum racionalismo. Mas o sobrenatural desceu à terra e a sua manifestação principal é o milagre mais do que a aparição” (ARIÈS, , 1977, p.333).

As mediações entre o sagrado e o material por meio das estampas de santos levariam este milagre se sair vivo de uma guerra e sem ferimentos ao soldado que os carregasse.

Até mesmo um caso de conversão de um judeu para o catolicismo ocorreu na FEB. O tenente-coronel Waldemar Levy Cardoso, judeu de nascimento, teria visto as relíquias de Santa Bárbara numa igreja em um momento em que estava perdido do restante de sua

tropa, para ele a Santa teria ajudado e salvado sua vida. Santa Bárbara é atribuído o poder de preservar os seus devotos de morte repentina, naturalmente por alusão ao pai incrédulo que termina fulminado segundo a lenda, após ter decapitado a própria filha. Aliás, Santa Bárbara é também chamada Advogada da Boa Morte e padroeira da Artilharia.

Uma das estampas de santo mais encontradas nos cadáveres dos brasileiros mortos é de Santo Antonio de Pádua. Os restos mortais do Santo estão expostos na Catedral de Pádua e a visitação e devoção pelo santo são intensificados com estas relíquias sagradas. Provavelmente nos dias de folga muitos brasileiros foram visitar a Catedral do Santo na cidade. Além disso, o santo é muito popular no Brasil, onde estima-se que existam 500 igrejas com o nome do santo.

A imagem do santinho naquele período é um pouco diversa destas que associamos a Santo Antonio nos dias de hoje. Algumas características, entretanto, são mantidas. A presença do livro aberto, que significa o evangelho, já que o Santo foi nomeado Doutor da Igreja pelo seu conhecimento das Escrituras e seus sermões baseados nestas leituras. Também o Santo nesta imagem está com o Menino Jesus no colo, ainda que não de forma frontal, mas sim lateral. Este esquema se refere a familiaridade do Santo com o Menino Jesus, o afeto com a criança que lhe acaricia o rosto.

Outras estampas bem comuns entre os combatentes brasileiros neste período eram aquelas representavam a Sagrada Família. Encontramos dois modelos com este tema. Um colorido e outro preto e branco. O colorido procura dar um ar mais fraternal na cena, em que o Menino Jesus aparece no primeiro plano, Maria atrás e José atrás de Maria, abraçando a todos. Na estampa preto e branco da Sagrada Família, temos uma representação mais clássica do presépio. Cada um dos pais está de um lado, em pé e o Menino Jesus está na manjedoura.

As estampas da Sagrada Família são significativas porque no Manual de Orações do Soldado Brasileiro, no trecho sobre como se preparar e aceitar a morte, existe uma clara referência aos pedidos de intercessão de Jesus, Maria e José. Existe também a indicação de mostrar uma imagem da Virgem Maria ao soldado ferido mortalmente, para que o mesmo a beije como ritual de aceitação da morte.

Como não poderia faltar, as estampas com a figura de Maria também foram encontradas. Trata-se de uma representação como ícone, de Maria com o menino Jesus. Pelos dados da impressão, o santinho foi produzido na Itália. Na vila de Querciola, local onde os brasileiros acamparam entre 22 de dezembro de 1944 e 27 de fevereiro de 1945, existia o santuário da Madona de Quercia. Do latim, carvalho, correspondia a um tronco de carvalho em que foi encontrada uma estampa de Maria, e por isso o local era também repleto de

peregrinos que tinham devoção a santa. Tal local foi muito bombardeado no ataque a Monte Castelo e a imagem da Santa deve ter intensificado a religiosidade de muitos soldados brasileiros que carregavam a estampa como forma de devoção da mesma.

As estampas de santos e imagens dos rosários encontrados nos mortos da Força Expedicionária Brasileira revela uma atitude diante da morte em que as sensibilidades religiosas foram consolidadas num contexto de medo e de contato maior com a finitude da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Phillippe. *O homem diante da morte*. Lisboa: Editora Europa America 1977.

AUGRAS, Monique. *Todos os santos são bem vindos*. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2005.

BLAJBERG, Israel. *Os soldados que vieram de longe: os 43 heróis brasileiros judeus da 2ª Guerra Mundial*. Resende, RJ: AHIMTB, 2008.

LINS, Maria de Lourdes Ferreira. *A Força Expedicionária Brasileira uma tentativa de interpretação*. São Paulo: Editoras Unidas, 1973.

MEGALE, Nilza Botelho. *O livro de ouro dos santos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

MERON. Luciano B. *O altar e o front: O serviço religioso na Força Expedicionária Brasileira*. 2009, Disponível em

http://www.ppgh.ufba.br/IMG/pdf/O_ALTAR_E_O_FRONT_O_SERVICO_RELIGIOSO_N_A_FORCA_EXPEDICIONARIA_BRASILEIRA_Luciano_B- Meron .pdf

SCHNEIDER, Jacob Emilio. *Vivências de um ex-capelão*. Curitiba: Edições Rosário, 1983.